

MOVIMENTO ESTUDANTIL E A FORMAÇÃO POLÍTICA DA JUVENTUDE NO ENSINO MÉDIO

Eixo Temático: Fundamentos da Educação: Psicologia, História, Filosofia e Sociologia da Educação.

Forma de Apresentação: Resultado de Pesquisa.

Douglas Franco Bortone¹
Edmar Augusto Semeão Garcia²
Hellen Cristina Semeão Garcia³

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a formação política da juventude em sua trajetória escolar no ensino médio, observando uma das principais manifestações estudantis ocorridas no Brasil em 2015-2016, cuja pauta estava baseada na necessidade da democratização da gestão escolar, na reforma do ensino médio, o projeto “Escola Sem Partido” e o congelamento de gastos em políticas públicas por um período de vinte anos. Em um primeiro capítulo, pretende-se trazer um panorama geral sobre o movimento das ocupações secundaristas e seus impactos na formação da condição juvenil. Posteriormente, no segundo capítulo, traremos reflexões sobre o ensino médio e a formação política da juventude e as contribuições da disciplina de sociologia. Por fim, no terceiro capítulo, buscamos aportes teóricos que nos ajudem a compreender a autoformação dos sujeitos políticos nos movimentos sociais. Na construção deste ensaio, traremos como balizadores autores como Jaques Rancière e Groppo, cuja sistematização teórica poderão nos ajudar na compreensão dos temas sobre subjetivação política e juventude.

Palavras-chaves: ocupações; ensino médio; política.

1INTRODUÇÃO

Os conceitos que marcam as juventudes vêm se redesenhando na sociedade ao longo da história. Muito mais que uma transição de fase na vida, a juventude deve ser vista como protagonista da história e das lutas sociais. A pesquisa “Retratos da Juventude Brasileira” (2005) aponta que “a percepção da juventude para além da adolescência em risco, numa direção, é mais recente, emergindo com mais forças de uns dez anos pra cá” (ABRAMO, 2005, p.39). Essa percepção marca a condição juvenil e aponta para a existência de novas discussões que caracterizam a juventude para além de uma faixa etária.

De acordo com Groppo (2015), a compressão de juventude é uma “categoria social estruturante” e afirma:

A história da modernidade tem sido também a da criação de uma estrutura de faixas etárias (entre as quais, a juventude) sob princípios

¹Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

³ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Sergipe.

universalistas e naturais, fundados na cronologização do curso da vida (o tempo do crescimento físico-psíquico medido em anos). Esse registro cronológico do curso da vida tornou-se instrumento jurídico para determinar responsabilidades criminais, direitos comerciais e de propriedade, códigos civis e regras de casamento, direitos políticos, leis trabalhistas de proteção a menores e direitos especiais da infância e adolescência. (GROPPO, 2015, p.17)

Se essa estruturação do conceito de juventude aponta para um controle pessoal, devemos ressaltar que ao mesmo tempo em que é compreendida como “perigo”, “problema”, “incapaz de tomar decisões”, por outro lado deve ser vista como “possibilidade de mudança e intervenção criativa”. (NOVAES; MELLO, 2002, p.7).

Esse olhar da juventude como possibilidade de mudança e intervenção criativa está presente na história através das lutas juvenis e movimentos estudantis, principalmente quando se pensa pelo viés da militância política. Se fizeram presente na luta pelo fim da ditadura, no movimento cara pintada e em diversos espaços de reivindicações e protestos.

Como recorte dessa trajetória, usaremos a experiência das ocupações secundaristas nos anos de 2015-2016, como prática formativa da vivência política juvenil e a busca por uma gestão escolar mais democrática que aponte para um modelo de ensino que se aproxime de suas vivências.

É importante perceber que paralelamente à essa atuação política ocorre sua formação escolar no ensino médio nos levando a seguinte reflexão: qual é o lugar do ensino médio na formação política da juventude? Qual o impacto das disciplinas escolares, sobretudo a Sociologia na formação humana e política de cada estudante?

Somado a esta formação escolar, as juventudes atualmente possuem um engajamento no que diz respeito aos assuntos sociais à medida que se tem um acesso muito maior as informações. Ademais, é preciso entender quão valioso este acesso a informação significa um enriquecimento a sua formação.

2 METODOLOGIA

A construção deste ensaio parte do uso da metodologia de análise documental de pesquisas, dissertações e artigos publicados sobre o tema da juventude como aporte teórico, histórico e contemporâneos estudos da juventude, ensino médio e formação política. Para construção deste artigo, partimos do movimento das ocupações secundaristas em 2015-2016 e o usaremos como base para toda a discussão, atrelada à formação da juventude no ensino médio.

3 RESULTADO E DISCUSSÕES

O movimento estudantil, ao longo da história, é marcado pelo envolvimento da juventude com lutas em prol de temas que caracterizam a condição juvenil e às lutas em favor de um modelo de educação que venha abarcar essa realidade.

Em grande parte, jovens que não tinham nenhuma experiência com a militância e participação em movimentos sociais se fizeram sujeitos políticos durante a participação nas ocupações secundaristas. O movimento que deu início no estado do Paraná logo se espalhou como modelo para todo país demarcando novas fronteiras do protagonismo juvenil. Segundo Groppo (2018), esses momentos podem ser, de forma didática, sistematizados como duas ondas.

A rigor, não há uma separação entre as duas ondas. A divisão, como anunciado, tem caráter ilustrativo, ainda que se possa falar apenas do segundo momento como um movimento plenamente nacional. Mas o que talvez seja o aspecto mais marcante desse movimento - uma metodologia de luta e organização estudantil inspirada pelos movimentos secundaristas chileno e argentino - caracteriza ambas ondas: ocupações, comissões e assembleias estudantis soberanas de caráter horizontal e participativo. (COSTA; GROPPPO, 2018, p.91).

Esse aspecto formativo tencionou às narrativas de vida da juventude e sua inserção no debate das políticas públicas. A onda de protestos seu deu sob a pauta da reforma do ensino médio, o projeto “Escola Sem Partido” e o congelamento de gastos em educação e políticas sociais no período de vinte anos, emergindo então a necessidade de uma gestão democrática e que converse com aspectos básicos da caracterização do ser jovem nos dias de hoje.

Rancière (1995) nos ajuda a compreender, de forma sistematizada a formação política que acontece nos movimentos estudantis. São sujeitos considerados “reles” que em um determinado momento da história demonstram engajamento político.

A política é assunto de sujeitos, ou melhor, de modos de subjetivação. Por subjetivação vamos entender a produção, por uma série de atos, de uma instância e de uma capacidade de enunciação que não eram identificáveis num campo de experiência dado, cuja identificação, portanto, caminha a par com a reconfiguração do campo da experiência. (..) A subjetivação política produz um múltiplo que não era dado na constituição policial da comunidade, um cuja contagem que não era dado na constituição policial da comunidade, um múltiplo cuja contagem se põe como contraditória com a lógica policial. (RANCIÈRE, 1996, p.78)

São sujeitos considerados “reles” que na militância se opõe a ordem policial, que pelo autor é compreendido como fator político que visa o controle e o cerceamento da liberdade. Quando a subjetivação política acontece, novos espaços sociais vão sendo ocupados e novos modelos de militância surgem, como nas ocupações secundaristas.

4 CONCLUSÃO

A juventude é a força motriz para a transformação da sociedade. É através de sua força que a esperança se faz presente. Nesse aspecto, é necessário que se pense sobre a formação da juventude a partir de uma proposta dialógica e libertadora, que ouçam suas realidades e então sejam capazes de intervir de forma responsável e solidária. Contudo, não se pode romantizar os fatos sociais que atravessam o ser jovem brasileiro. Em um mesmo espaço público, há diversas experiências e subjetividades que devem ser observadas. Por fim, apontamos a necessidade de novas propostas e políticas públicas que posicione a juventude em seu devido lugar e espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, SP : Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005. 447 p.

COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio (Org.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

GROPPPO, Luís Antônio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis de 1968**. Piracicaba: Editora Unimep, 2015

NOVAES, R. C. e MELLO, C.C., Jovens do Rio: **Circuitos, crenças e acessos**. Comunicações do ISER, n. 57, 2002. Acesso em 18/06/2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O dissenso**. In: A crise da razão. Organizador: Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Paulo Neves.